

EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: AUTORES E ATORES DA DÉCADA DE 80¹

Jocimar Daolio²

Sinopse: Este trabalho analisou a construção do debate acadêmico da Educação Física brasileira na década de 80, quando ocorreu uma proliferação de discursos científicos na área. Para isso, realizou uma etnografia do pensamento acadêmico (Geertz, 1983), cujo pressuposto é que o pensamento pode ser analisado tanto como processo característico da espécie humana, quanto como produto do homem, na sua dimensão pública. Assim, as formas de pensamento da Educação Física foram analisadas como construções sociais representadas por um grupo de estudiosos, seus autores e, ao mesmo tempo, atores, uma vez que desempenharam papéis relevantes nessa dramaturgia do pensamento científico da área. Após as entrevistas com os principais personagens deste processo, foi possível perceber que a cientificidade da área foi engendrada a partir de polarizações do tipo progressista X reacionário, esquerda X direita, social X biológico, impedindo, muitas vezes, o diálogo entre as pessoas. Essa polarização, teria levado à absolutização de tendências na área. Assim, os representantes de cada pensamento tornaram-se personagens que assumiram determinados papéis, que foram reforçados, por oposição, pelos representantes de outros pensamentos e, por confirmação, pela platéia composta pelos profissionais da área espalhados pelos país.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propôs-se a analisar a construção do debate acadêmico da Educação Física brasileira, sobretudo a partir do final da década de 70, quando ocorreu uma proliferação de discursos científicos na área. Antes desse período havia uma certa aceitação de que a Educação Física era uma prática escolar com objetivos de desenvolver a aptidão física dos alunos e de iniciá-los na prática esportiva. O respaldo teórico provinha exclusivamente das ciências biológicas.

A partir do momento em que se iniciaram os cursos de pós-graduação na área, os primeiros brasileiros doutorados no exterior retornaram ao país e vários professores de Educação Física passaram a procurar qualificação acadêmica em outras áreas, sobretudo das

¹ Este trabalho é um resumo da tese de doutorado com o mesmo título, defendida junto ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP no dia 23 de Abril de 1997, sob orientação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

² Docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

ciências humanas, começaram a haver mais explicações científicas para um fenômeno que parecia não ser somente de natureza biológica. Essa maior qualificação profissional levou também a um número crescente de eventos e de publicações científicas. Além disso, com a redemocratização do país a partir do final da década de 70, tornaram-se possíveis análises sociais da Educação Física, o que não ocorria durante a ditadura militar. Pela primeira vez começava-se a vislumbrar uma comunidade científica da Educação Física brasileira.

Se o debate acadêmico iniciado mostrou-se altamente positivo, levando a uma produção científica considerável tanto quantitativa quanto qualitativamente, por outro lado parece que aconteceu também o acirramento de determinadas posições, chegando algumas vezes a tornar impossível a convivência de pessoas representantes de linhas teóricas diferentes. O que era para ser um saudável debate acadêmico, transformou-se em disputa por espaço no terreno científico da Educação Física.

A proliferação de discursos ocorrida na Educação Física a partir dos anos 80, embora, a princípio, salutar, proporcionou - e ainda tem proporcionado - intensos debates e rancorosos preconceitos, motivados pelo hábito de considerar as opiniões divergentes como desiguais, ao invés de diferentes. A consequência disso parece ter sido o deslocamento do debate de um nível público para o âmbito pessoal e, portanto, mais restrito, onde os representantes de cada discurso da Educação Física procuram mostrar as vantagens das idéias que defendem, muitas vezes em detrimento da consideração que todas merecem.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A análise do debate acadêmico na Educação Física brasileira na década de 80 não é inovadora. Vários pesquisadores têm se debruçado sobre este objeto de estudo. O que me moveu a este mesmo tema foi a possibilidade de realizar a análise do pensamento científico da Educação Física sob outra perspectiva. Utilizei para isso um referencial oriundo da Antropologia Social, destacando, a partir daí, a contribuição do americano Clifford Geertz, no que se refere a uma Antropologia Interpretativa e, especificamente, sua proposta de uma etnografia do pensamento acadêmico contemporâneo.

Para Geertz, a Antropologia não deve ser vista como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência

interpretativa à procura do significado. Partindo dos pressupostos da Semiótica de Peirce (1975), entre os quais, um signo, de algum modo, representa algo para alguém, Geertz propõe-se a uma compreensão das formas simbólicas humanas, através de uma leitura da cultura de um povo como se fosse um conjunto de textos. Utilizando a metáfora de Max Weber, de que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, Geertz assume a cultura como sendo essas teias e sua análise (Geertz, 1989).

A partir de meados do século XX, e culminando com os trabalhos de Geertz, a Antropologia começa a considerar a cultura como um processo dinâmico e simbólico e a função do antropólogo passa a ser a de mapeador desse universo de significados. Ora, considerando a cultura pública (porque o significado o é), Geertz pode falar da dimensão pública do pensamento. Segundo ele, o pensamento pode ser analisado em dois grandes sentidos: como processo e como produto; ou, em outras palavras, pensamento é “(...) *o que se passa em nossas cabeças (...) e, especialmente quando o colocamos em ordem, o que sai delas*” (1983, p.148).

Ora, se o pensamento pode ser analisado etnograficamente numa dimensão pública, é também possível fazer uma análise do pensamento acadêmico moderno, já que os intelectuais de uma área acadêmica constituem uma comunidade, atuam num determinado território profissional, utilizam um certo vocabulário e expressam determinados valores (Corrêa, 1987).

Afirmando que “*Somos todos nativos agora, e quem não for um de nós, é um exótico*” (p.151), Geertz (1983) sugere o estudo etnográfico também em relação ao pensamento acadêmico, ampliando os limites da Antropologia tradicional e propondo para esta tarefa uma abordagem multidisciplinar. A fim de justificar a análise metodológica do pensamento acadêmico moderno, Geertz propõe a consideração de três aspectos: os dados convergentes, as classificações linguísticas e o exame do ciclo de vida. O primeiro aspecto - dados convergentes - diz respeito ao fato da comunidade científica de uma certa área formar uma rede, ou, no dizer de Geertz, “*aldeias intelectuais*” (p.157). Assim, há uma série de dados comuns a cada um dos integrantes do grupo de intelectuais da mesma área, e esses dados podem ser elucidativos da forma como pensam, uma vez que as relações entre eles são, não apenas intelectuais, mas também políticas, morais e pessoais.

O segundo tema metodológico proposto por Geertz refere-se ao tipo de vocabulário utilizado por uma área acadêmica e que pode constituir-se numa via de acesso aos tipos de mentalidades dos intelectuais que nela trabalham, já que as palavras são dotadas de significados públicos que expressam determinadas visões de mundo, de sociedade e da própria área.

O terceiro tema metodológico sugerido por Geertz para a análise etnográfica do pensamento acadêmico refere-se ao ciclo de vida específico que cada área científica impõe aos seus componentes. O autor não se refere, obviamente, aos aspectos de natureza biológica ou biográfica de cada indivíduo, mas às características da carreira, aos ritos de passagem, aos papéis sexuais e de idade, às relações entre os membros do grupo, que definem um tipo de ciclo vital no qual os intelectuais estão inseridos, e a partir do qual compreendem sua área científica (1983).

Para Geertz (1983), a etnografia do pensamento, como qualquer outro tipo de etnografia, “(...) não é uma tentativa de exaltar a diversidade, mas de tomá-la a sério em si mesma como um objeto de descrição analítica e de reflexão interpretativa” (p.154). O autor entende a etnografia do pensamento acadêmico como um projeto imperativo, não como uma tarefa técnica, mas com um enfoque cultural, a fim de que a comunicação entre as áreas acadêmicas - e pode-se incluir as tendências dentro de uma mesma área acadêmica - seja viabilizada.

OS AUTORES/ATOES DO PENSAMENTO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Os discursos acadêmicos da Educação Física brasileira da década de 80 foram tomados como parte de um universo simbólico que foi socialmente produzido e ainda é socialmente mantido. As formas de pensamento da Educação Física foram analisadas como construções sociais representadas por um grupo de estudiosos, seus autores e, ao mesmo tempo, atores, uma vez que desempenharam papéis relevantes nessa dramaturgia do pensamento científico da área, encarnando determinados personagens, manipulando certos símbolos nessa contínua encenação e reencenação da Educação Física brasileira. A intenção foi desfocar a discussão de uma perspectiva de disputa entre as várias abordagens da área para a consideração de que todos os discursos sobre Educação Física foram importantes para compor o

cenário, dentro do qual os atores envolvidos puderam desenvolver a trama da construção do pensamento acadêmico da Educação Física brasileira. Não pretendi avaliar a capacidade de cada um dos autores em estruturar um pensamento científico, uma vez que todos eles foram capazes de aliar um certo discurso a uma certa demanda dos profissionais, criando uma sintonia que permitiu - e ainda permite - a veiculação de uma série de valores, que procuram dar sentido não só à própria Educação Física como também às tendências que defendem.

A fim de eleger os autores/atores relevantes do período, considereei minha observação participante³ nesse processo de construção do debate acadêmico na Educação Física, não como autor/ator, mas como um professor recém-formado que atuava no ensino público de primeiro grau e que, a partir do final da década de 70, passou a acompanhar - inicialmente, como ouvinte - o nascente debate acadêmico na área. Nesse processo de observação participante pude identificar alguns personagens relevantes na construção do pensamento científico da Educação Física. São eles: Victor Matsudo, João Paulo Medina, Vitor Marinho de Oliveira, Lino Castellani Filho, Celi Taffarel, Go Tani e João Freire.

Após a identificação dos principais autores/atores do pensamento científico da Educação Física brasileira na década de 80, foram realizadas entrevistas com cada um deles, buscando compreender o papel representado por estas pessoas na elaboração do universo simbólico que sustentou e deu sentido ao período analisado. A contribuição de Erving Goffman (1989) foi fundamental no sentido de analisar a atuação dos entrevistados no período considerado não como mérito ou falha individuais, mas como incorporação de personagens e representação de determinados papéis. Segundo o autor, em qualquer situação social um indivíduo assume a máscara de um personagem para interagir com outros indivíduos, estes também, personagens projetados por outros atores. Essa encenação extremamente dinâmica é inerente às relações humanas, uma vez que o indivíduo está sempre tentando transmitir algumas mensagens e, às vezes, ao mesmo tempo, evitando outras, mesmo que esse processo ocorra inconscientemente. Essa representação, segundo Goffman (1989), interfere na própria estruturação do “eu” do indivíduo, ao

³ A observação participante foi tomada, neste estudo, como uma técnica de trabalho de campo que permite sistematizar o processo de coleta de dados por aproximar o pesquisador do objeto de pesquisa, o que facilita o processo de construção do conhecimento (Silva, 1991).

mesmo tempo ator e personagem. Se em todas as situações de vida, a pessoa faz uma representação de si mesma para os outros, sua própria imagem do que é será permeada pelas representações que manifesta e por aquelas que recebe de seus interlocutores. Além dos personagens presentes no palco, existe ainda a platéia, terceiro elemento dessa relação e que dá sentido e, ao mesmo tempo, interfere nessa dramatização, uma vez que os atores mostram-se suscetíveis às demandas de seu público.

As comunidades científicas formam redes, ou, no dizer de Geertz, “*aldeias intelectuais*” (1983, p.157), e isso faz com que os pensadores de uma mesma área possuam elementos comuns em suas histórias de vida, que podem ser elucidativos da forma como pensam. No caso do grupo entrevistado, todos fazem parte de uma mesma geração. Nasceram entre 1943 (Vitor Marinho) e 1951 (Go Tani, Lino Castellani e Celi Taffarel). Foram adolescentes na década de 60 e, a partir de fins da década de 70, já formados, passaram a ter uma atuação de contestação, tanto em relação à Educação Física, como em termos políticos mais amplos. Obviamente, essa atitude expressou-se de formas e com determinantes diferenciados, principalmente em Victor Matsudo e Go Tani. O primeiro, por ser médico e por ter acesso à pesquisa sobre atividade física de origem médica nos Estados Unidos já na década de 70, acabou por trazer ao Brasil essas contribuições, criando, em 1974, o CELAFISCS (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul). O segundo, por ter feito pós-graduação no Japão entre 1975 e 1982, perdendo, dessa forma, o início do movimento de crítica que se dava na Educação Física brasileira desde fins dos anos 70. Os outros cinco entrevistados permaneceram no país e buscaram sua qualificação acadêmica em programas da área de Educação (Vitor Marinho, Lino Castellani e João Paulo Medina) ou em programas de Educação Física, porém com referenciais teóricos mais próximos das ciências humanas (Celi Taffarel e João Freire).

Nesse momento ficou configurado um primeiro embate na Educação Física brasileira. De um lado, Go Tani, recém-chegado do Japão, buscando definir a especificidade da Educação Física, e Victor Matsudo, médico, trabalhando no CELAFISCS, numa linha diferente dos laboratórios de aptidão física tidos como oficiais do governo. De outro lado, o grupo de estudiosos que ficou no Brasil, buscando referências nas ciências humanas e, especificamente, no marxismo, com exceção de João Freire.

Não se trata de julgar o grupo vencedor ou com propósitos mais nobres nessa disputa. Parece que eles olhavam para a Educação Física de lugares diferentes, vislumbrando, portanto, horizontes diferentes. Diante desse quadro, é possível compreender a afirmação de Lino Castellani de que o debate na Educação Física, numa primeira fase, foi mais político que acadêmico e que Go Tani tinha que ser confrontado porque suas propostas não contribuíam para a transformação do quadro político que se ansiava. Ou, pelo menos, não direta e imediatamente.

Quando Clifford Geertz (1983) propõe a consideração do vocabulário próprio utilizado por uma área acadêmica, tem por pressuposto que as palavras, termos característicos e expressões verbais são dotados de significados públicos, expressando determinadas visões de mundo e da própria área, devendo, portanto, serem considerados numa etnografia do pensamento acadêmico. Um termo que se destaca nas entrevistas, além de artigos e livros da área, é “progressista”, auto-designação dada ao grupo que queria a transformação da sociedade brasileira, embora pensasse a Educação Física de formas diferentes, fato que foi ficando mais explícito nos anos seguintes. Parece não ter havido um acordo para utilização desse termo para nomear um grupo ou uma nova abordagem da Educação Física no início dos anos 80. E, no entanto, foi uma expressão muito utilizada na época, sendo lembrada pelos nossos entrevistados e servindo para caracterizar, num certo momento, mais uma intenção genérica do que uma atuação específica diferenciada. O termo progressista vinha acompanhado de um posicionamento político perante à estrutura social vigente no Brasil a partir da década de 70 e, principalmente, o início de um movimento na tentativa de superação daquele quadro. Fazer parte de um grupo progressista na Educação Física era desejar alguma mudança também na área.

Victor Matsudo e Go Tani não eram considerados participantes do grupo progressista e, num segundo momento, também João Freire, talvez porque estes não incorporassem em seus discursos um posicionamento explícito em relação ao quadro político nacional. Entretanto, as entrevistas com cada um deles mostram o caráter de avanço de seu trabalho. Parece que ser progressista naquela época na Educação Física significava, além de se opor claramente ao regime militar, negar a ênfase biológica na consideração do ser humano, legado histórico da Educação Física brasileira. De fato, vários entrevistados explicitaram a necessidade de “desbiologizar” a

Educação Física, ampliando seus referenciais teóricos e aproximando-a das ciências humanas. Muitos estudiosos da Educação Física passaram a procurar programas de pós-graduação nas ciências humanas, sobretudo em Educação.

As várias abordagens de Educação Física elaboradas ao longo da década de 80 e primeiros anos desta década parecem ter se colocado em determinados pontos de uma escala, tendo em um extremo a concepção biológica de natureza humana, e no outro pólo, uma concepção cultural. O problema dessa disposição parece ter sido a negação por parte de todos os representantes das abordagens, de que a natureza humana é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, biológica e cultural. Essa ruptura natureza/cultura na Educação Física, se foi causada por uma limitação das duas partes em perceber a natureza humana com uma amplitude maior, teve repercussão multiplicada devido ao caráter mais político e menos acadêmico do debate na Educação Física na década de 80, como confirmam os entrevistados. Quem se colocasse em torno do pólo da natureza, era tachado de reacionário e seria combatido pelo grupo próximo ao pólo cultural, este chamado pejorativamente pelo outro grupo de “turma do social”. Essa polarização parece ter atrasado o debate efetivamente acadêmico necessário para o desenvolvimento da área (Daolio, 1995).

O debate travado na década de 80 não priorizou a discussão sobre a interação entre os aspectos biológico e cultural do ser humano, preferindo utilizar essas palavras como bandeiras de luta contra o outro grupo. Fazendo isso, esses termos - biológico e cultural - viraram rótulos para definir ou estigmatizar pessoas, pesquisas ou publicações. Compreende-se, assim, porque as expressões “turma do social” e “turma do biológico” foram tão utilizadas na década de 80.

O enredo da trama que estava sendo encenada no Brasil dos anos 80 era de conteúdo eminentemente político, visando ao resgate da democracia, que havia sido vilipendiada pela ditadura militar. A Educação Física, como a sociedade brasileira de maneira geral, passaram por essa politização e ideologização do discurso. Para além das questões específicas da Educação Física que estavam sendo discutidas e aprofundadas, havia a necessidade de se posicionar perante o quadro político nacional. Daí a polarização entre progressistas ou reacionários, esquerda ou direita, biológico ou social, mais como consequência da própria trama, do que pelo conteúdo das proposições. Porque só é possível haver disputa se houver com quem confrontar.

Depois que a polarização foi consumada, parece que importava menos o conteúdo das discussões e das proposições de cada grupo, e mais a manutenção da coerência da mensagem que estava sendo transmitida. Nesse sentido, é ilustrativa a lembrança de Medina que, embora percebendo no auge do debate que a exacerbação de opiniões poderia ser prejudicial à área, tinha dificuldade em apontar isso, sob risco de ser rotulado e estigmatizado como pertencente ao grupo oposto.

Além disso, com a polarização, havia um público ávido pelas intervenções de seus líderes diante dos oponentes. Compreende-se que nesse clima, o próprio representante de um grupo tinha que cumprir a expectativa de seus liderados, mantendo a coerência de seu personagem, fazendo com que o rigor acadêmico muitas vezes ficasse secundarizado perante o entusiasmo momentâneo da disputa. É nesse sentido que Goffman (1989) fala em “lealdade dramática” e “disciplina dramática”. Compreende-se a dificuldade de um ator modificar seu personagem ou alterar seu papel durante o desenvolvimento de uma trama, já que causaria uma turbulência em seus colegas, desestruturando o próprio enredo encenado, além de gerar profunda frustração na platéia.

Entretanto, o fazer parte de um dos dois grupos, de um lado o chamado de progressista, e de outro, o chamado de reacionário, parece que serviu para dar sentido a cada um dos integrantes de ambos os grupos, na medida em que na época a produção acadêmica e o aprofundamento teórico eram insuficientes. Parece ter havido um saldo positivo após a cisão da comunidade científica da Educação Física na década de 80. Houve necessidade de todos aprofundarem seus estudos a fim de continuar defendendo determinados pressupostos e isso parece ter levado, já no início da década de 90, a uma delimitação mais rigorosa de linhas teóricas e abordagens.

Talvez se compreenda melhor quando Geertz afirma que nas “aldeias intelectuais” uns são personagens nas biografias dos outros. Se se fosse fazer a biografia de qualquer um dos autores/atores da Educação Física brasileira, não seria possível não citar os outros, quer pela sua aproximação, quer pelo seu distanciamento enquanto ideais. Confirmando ou contestando, uns contribuíram para os outros existirem enquanto pensadores da Educação Física brasileira, dando sentido à atuação e à forma de pensar de cada um.

Seguindo a proposta de Geertz de considerar o ciclo de vida de uma área acadêmica, deve-se levar em conta a vida universitária, já

que no Brasil, as universidades são os locais quase que exclusivos onde se faz pesquisa científica. Do grupo entrevistado, só João Paulo Medina e Victor Matsudo não trabalham em universidades atualmente, embora já tenham atuado. Além deles, todos os outros atuam em universidades, buscando titulação acadêmica, sendo que o único que ainda não se titulou é Lino Castellani Filho, estando em vias de concluir seu doutorado.

Essa busca pelo doutoramento, se por um lado, parece ter levado os estudiosos da Educação Física à maior excelência nos estudos, pesquisas e reflexões, parece também ter levado a uma certa acomodação. O doutor dos anos 90 teria mais a perder do que o mestre ou o não mestre dos anos 80 em termos de **status**. Utilizando uma vez mais a metáfora dramática sugerida por Goffman (1989), pode-se afirmar que o doutor de hoje incorpora um personagem mais estruturado, mais tradicional, com um papel mais definido a ser representado, ao invés do profissional de quinze anos atrás. Não se trata de afirmar que o personagem representado pelo doutor é melhor que o representado pelo não doutor, mas a própria tradição da universidade impõe maior coerência àquele, tornando-o menos suscetível à transformações. De fato, pelos rituais presentes na academia, é no doutorado que ocorre uma profundidade de análise e a definição de um determinado referencial teórico que pode acompanhar o intelectual por toda a vida. É óbvio que isso não é uma imposição acadêmica, nem defeito do intelectual, mas o fato é que o doutor fica conhecido por representar um tipo de abordagem, passando a orientar dissertações e teses numa mesma linha, o que faz por reforçar seu posicionamento teórico.

Celi Taffarel e Vitor Marinho de Oliveira entendem que o que alimentou os debates na década de 80 - não só na Educação Física mas em todas as outras áreas - foi a crítica marxista em relação às consequências maléficas causadas pelo capitalismo. E apontam como uma possível causa para o enfraquecimento dos debates na Educação Física o próprio refluxo do movimento revolucionário internacional, causado pela crise nos países socialistas. Segundo eles, companheiros que estavam juntos na luta por uma Educação Física que contribuísse para a transformação da sociedade brasileira abandonaram esses ideais de luta.

CONCLUSÃO

Os vários discursos científicos, com seus nomes criados ou emprestados de outras áreas, parecem ter se tornado absolutos, não nacionalmente, mas em alguns locais, eventos, publicações e fóruns de discussão. Como toda absolutização, cada discurso definiu-se, em parte, pelo que os outros não davam conta ou não se propunham a dar conta de realizar. Os representantes de cada pensamento tornaram-se personagens que assumiram determinados papéis e passaram a agir como defensores e transmissores da cientificidade da Educação Física. Esses papéis representados foram reforçados, por oposição, pelos representantes de outros pensamentos e, por confirmação, pela platéia composta pelos profissionais da área, espalhados pelo país, platéia esta que esperava de seus atores um determinado discurso.

Parece estar aí o grande risco da separação de uma área do conhecimento em tendências ou abordagens. Os indivíduos passam a pensar como grupo e tendem a defender a coerência do discurso coletivo em detrimento de opiniões porventura diferentes. Fazendo parte de um grupo, o indivíduo estaria mais protegido e menos permeável à pluralidade de pensamentos, que sempre coloca em xeque as suas próprias idéias.

Não estou negando o mérito dos entrevistados e de muitos outros profissionais em contribuir para a criação do pensamento científico da Educação Física brasileira. Pelo contrário, qualquer análise que se faça hoje na Educação Física sobre este fenômeno e sobre esta época, necessariamente terá que considerar o caráter desbravador, original e relevante da atuação dessas pessoas. Em função da abordagem que estou utilizando, devo compreender a expressão dessas pessoas como papéis que representaram num contexto culturalmente determinado, e não como desejo ou capacidade individuais.

Estou considerando que os pensamentos construídos na década de 80, com as características já expostas, desembocaram em abordagens que, em muitos casos, serviram e ainda servem para exacerbar determinadas rivalidades, fato que impede o pensamento para além dessas tendências. Por isso, não pretendo aqui eleger a melhor abordagem ou anunciar uma nova corrente de pensamento para a Educação Física. Além de ser contraditório com os pressupostos utilizados nesta análise, estaria apenas substituindo uma abordagem por outra. Minha intenção foi a de, ao realizar uma etnografia do pensamento científico da Educação Física, proporcionar um

estranhamento em relação a ela, que possa levar a um repensar da área, considerando as abordagens existentes, mas sem se limitar a elas.

Não estou propondo o fim do debate acadêmico na Educação Física brasileira, nem defendendo a igualdade de opiniões ou a camuflagem dos antagonismos. Considero relevante a continuidade do pensamento científico e do debate acadêmico na Educação Física. Ainda mais importante é a existência de tensões entre os vários pensamentos, uma vez que todos têm o direito de preferir uma posição em relação à outra, e essa escolha depende de valores e ideais. Entretanto, essas tensões não devem inibir a pluralidade de pensamentos. A enriquecedora tensão deve respeitar as diferenças de opiniões e estimular novas proposições, que, por sua vez, irão gerar novas tensões. O pluralismo, segundo Pedro Demo (1989) implica o direito de divergir, de produzir com originalidade, de ser diferente, e esses são requisitos para a criação científica.

Pedro Demo (1989) ensina também que em ciências sociais, o consenso possível não se define pela inexistência de pontos de vista diferentes, mas pela renúncia da absolutização de seu próprio ponto de vista. Assim, segundo o autor, não existe consciência irrefutavelmente verdadeira. Diz ele: “*Onde há muita verdade, há mais autoridade que ciência*” (p.47).

Para encerrar, mais uma vez vou emprestar de Pedro Demo (1989) uma frase que traduz meu entendimento sobre o pensamento científico e a minha expectativa em relação a esta pesquisa:

*(...) este trabalho deve ser entendido como convite à discussão, dentro do reconhecimento de que **só pode ser respeitado como científico aquilo que se mantiver discutível**. Nada de dogmas. Nada de posições rígidas. Nada de proselitismo* (p.13-14, grifos do autor).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA, M. História da antropologia no Brasil: (1930-1960), testemunhos. São Paulo: Vértice, 1987.
- DAOLIO, J. A ruptura natureza/cultura na Educação Física. In: DE MARCO, A. (Org.) Pensando a educação motora. Campinas: Papirus, 1995.

- DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 2ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GEERTZ, C. Local knowledge: further essays in interpretive anthropology. New York: Basic Books, 1983.
- _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- PEIRCE, C. S. Semiótica e filosofia. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SILVA, M. O. da S. e. Refletindo a pesquisa participante. 2ed. São Paulo: Cortez, 1991.

Endereço do autor: Rua Pedro Vieira da Silva, 595/24-C, 13.080-570, Jardim Santa Genebra, Campinas, SP.